

Academia Espírito-santense de Letras - 100 anos: nos passos de Gilgamesh

Academia Espírito-santense de Letras - 100 Years: in the Footsteps of Gilgamesh

Ítalo Campos*

E eis que, tendo Deus descansado no sétimo dia, os poetas continuaram a obra da Criação.

Mário Quintana

Da poesia

Um elogio enorme, uma responsabilidade gigante recai sobre aquele que se dispõe à escrita da poesia. Deus criou a partir da sua potência, criou em ato, a partir do nada. O poeta cria a partir do seu vazio, produz a partir da sua falta, do seu desamparo, de sua incompletude. Ele constrói em palavras, por meio do árduo exercício da escrita, árduo pois envolve um trabalho de escolha,

* Escritor e psicanalista. Membro da Academia Espírito-santense de Letras (Cadeira n. 31).

de separação e de corte, uma imagem do mundo. Nesse mundo da escrita o leitor irá encontrar uma âncora para suas inquietações, um nome para suas angústias e, por meio da libertação das tensões psíquicas, experimentar o prazer da fruição estética.

Sigmund Freud, o médico austríaco criador da Psicanálise, dizia que, pelos caminhos que ele trilhou, os poetas já haviam passado. É no diálogo com a literatura que Freud vai costurando, exemplificando, sustentando sua teoria psicanalítica. Sófocles, Shakespeare, Goethe, E. A. Poe, J. M. Rilke e Nietzsche são alguns dentre as dezenas de autores e artistas a que Freud, frequentemente, recorreu para confirmar as suas teses psicanalíticas. São textos que cobrem todo o período de construção e reconstrução desta arquitetura única do edifício da Psicanálise, que rompe epistemologicamente com os campos da Psicologia, da Medicina, da Filosofia, da Socioantropologia, situando-se nessa fronteira entre a ciência e a arte. Ele mesmo, Freud, mantinha-se atento para que a Psicanálise não fosse considerada algo místico, esotérico, espiritualista, como queriam colocá-la, no entanto, alguns de seus seguidores.

Um dos bons textos para esse ângulo de leitura é o artigo "O poeta e o fantasiar", de 1908. Este se inicia com a inquietação do Cardeal d'Este de Ippolito perguntando ao seu protetor, o poeta Ariosto (1474-1533), autor de *Orlando furioso*, como ele conseguia despertar nos leitores tamanha emoção que não se supunha jamais sentir. Nesse texto, afirma Freud que a raiz da produção poética estava na infância, nas brincadeiras de criança. O poeta é aquele que não mais brinca, mas sim fantasia. A fantasia, necessária para a criação artística, é o substituto do brincar. Por isso, dizia Freud (1976): há um poeta escondido em cada um de nós e o último poeta deverá morrer com o último homem

Nosso poeta paranaense Leminski, no entanto, sem contrariar Freud, esclarece que deveriam ser chamados de poetas somente aqueles que se debruçam sobre

esse ofício com dedicação ao longo dos anos, diferenciando-os dos poetas acidentais, ocasionais e adolescentes:

Aos 17 anos todo mundo é poeta, junto com as espinhas da cara, todo mundo faz poesia... ser poeta aos 17 anos é fácil, eu quero ver alguém acreditando em poesia aos 22 anos, aos 25... aos 60 anos, até você encontrar um poeta, por exemplo, como Drummond ou como o admirável Mario Quintana, que são poetas que estão fazendo poesia há mais de 60 anos, que a poesia é o assunto deles (LEMINSKI,1985).

De que lugar tiram força esses poetas que passam uma vida a arrancar da infinitude dos significantes as peças, os poemas que formam um amálgama entre a morte e a vida, entre Eros e Thanatos? De que se alimentam esses sujeitos que se sustentam nesse beiral entre o teto e o chão, no litoral entre a terra e o mar? Poetas que em seu fazer unem o presente, o passado e o futuro? O poeta, no presente, recorre ao seu passado mergulhado no tesouro dos significantes, abrindo em si mesmo a possibilidade de aparecerem futuros significados e significações promovidas pelo leitor. O poema permite ir além, saber mais do que o poeta quis dizer. O poeta vive sob tensão, por isso é tão difícil poetar por toda a vida. Estar disponível, deixar-se atravessar pela linguagem, colocar-se como morto-vivo disposto ao texto que o açoita, desde o campo da não linguagem, desde o instante do objeto perdido, desde aquilo não representável, fornecendo um testemunho da dor, da violência, da força e da alegria do existir. Escrever é escavar profundo o templo da memória para encontrar ali os elementos de amálgama que servirão também como elos entre as gerações.

A escrita poética tece e trama. Das particularidades de cada trama resulta um trabalho com a linguagem provocando efeitos de sentido estético que provocam e modificam a subjetividade do leitor. A leitura produzirá um certo assentamento e conforto do sujeito ao universo da linguagem que o antecede e o constitui. Produz também um contorno e um amparo ao caos e à desagregação existentes no antes da palavra. Cabe ao poeta e aos escritores, portanto, a tarefa de transmissão da corrente de vida, sem esquecer a cada momento que a destrutividade, a violência, sempre querem se fazer presentes pela mesma mão

do mesmo homem. Assim diz a psicanalista Maria Teresa Cristina P. Nazar em seu artigo “Quando escrever é exilar-se da terra dos ancestrais” (2020, p. 157):

Ao pensar a escrita como luta contra o desaparecimento e morte, bem como rastro de passagem, é possível entendê-la na vertente de um trabalho perene de luto do que não se teve, não se tem e nunca se terá como representável. A letra escapa, toda vez que um significante se escreve, a cada palavra dita.

O poeta vive numa corda bamba que exige de si mesmo um grande trabalho psíquico para não se deixar intoxicar. Preserva em seu trabalho uma função ética de guardião da linguagem e de apanhador do futuro, uma função civilizatória. A arte tem a missão de humanizar o ser humano, sem o que ele será apenas bicho, besta ou máquina. A arte do escritor não nos remete ao plano imaginário, da fantasia ou dos ideais somente; isso diz respeito à publicidade e ao discurso político. A literatura nos remete ao real que nos acossa e que nos causa como sujeitos, por meio de um manejo intencional e particular das palavras e da linguagem, configurando-se o artista com seu estilo.

Dos poetas

Na página *Poetas capixabas* da internet da escritora e membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL), Thelma Maria Azevedo (2011), presente na rede desde o início dos anos 2000, encontrava-se uma lista de pessoas que se diziam poetas. Essa lista, nominal e por ordem alfabética, chegava a mais de dois mil nomes e continha oito mil poemas. Será tão pródiga assim nossa terra do Espírito Santo? Quem sabe a lista se compunha, em parte, de pessoas, como disse acima Leminski, que cometiam poesia aos dezessete anos e não resistiam ao passar de duas décadas?

Pesquisando os arquivos da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL), verificamos uma forte presença de poetas desde a sua fundação, no ano de 1921.

Dos quarenta patronos dessa Academia, dezesseis publicaram poesia. Alguns conhecidos nacionalmente, como o Padre José de Anchieta, patrono da cadeira de número 10, e outros bastante conhecidos regionalmente, como Afonso Cláudio de Freitas Rosa, patrono da cadeira 27 e Maria Antonieta Tatagiba, patrono da cadeira de número 32.

Afluíram à Academia, nestes seus 100 anos de atividade, com alguns momentos de inanição, vários intelectuais das mais diferentes profissões, com predomínio das áreas jurídica e do jornalismo, além de vários professores de escolas públicas. Muitos políticos e religiosos por ali também passaram. Em seu centenário, incluindo os que lá estão, contam-se cento e trinta e oito acadêmicos eleitos em voto secreto, após publicação em edital público da cadeira vaga entre as quarenta existentes. Em cem anos de existência, apenas treze mulheres participaram da AEL, quase todas eleitas mais recentemente; atualmente, entre os quarenta acadêmicos, contam-se apenas nove mulheres.

O pesquisador Francisco Aurelio Ribeiro, presidente honorário da AEL, em palestra proferida na AEL, cita o livro *História da Literatura Espírito-santense*, de Afonso Claudio, publicado em 1912, como exemplo de uma obra que não menciona escritoras capixabas do século XIX. Apesar de bastante completo, o livro não cita, como destaca Francisco Aurelio, a escritora e poeta Adelina Tecla Correa Lírio. Ela foi a primeira a publicar poemas em jornais capixabas de grande circulação nos anos de 1879 a 1883. O professor Francisco cita também o livro *Poetas capixabas*, uma antologia publicada em 1938, que destaca 58 escritores, sendo que somente uma mulher é incluída: Maria Antonieta Tatagiba. Patrono da cadeira número 32 da AEL, como vimos, foi a primeira mulher no Espírito Santo a publicar um livro de poemas, em 1927: *Fruta agreste*, pela Livraria Editora Leite Ribeiro, do Rio de Janeiro.

Atualmente, são 21 os acadêmicos que publicaram poemas em livro; todos, no entanto, publicaram também outros gêneros literários, como conto, crônica,

ensaio e tese. A título de homenagem, nesta ocasião especial, cito-os nominalmente, seguindo a ordem crescente das cadeiras que ocupam: Jorge Elias, Aylton Bermudes, Francisco Aurelio Ribeiro, Evandro Moreira, Adilson Vilaça, Marcos Tavares, Luiz Carlos Verzoini Nejar, Fernando Achiamé, Humberto Del Maestro, Oscar Gama, Maria das Graças Silva Neves, Luiz Busato, Ester Abreu, Wanda Alckmin, Ítalo Campos, Josina Drumond, Getúlio Neves, Matusalém Moura, Romulo Sales de Sá, Magda Regina Lugon Arantes, Anaximandro Amorim. O acadêmico Carlos Nejar, aí citado, é também membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), tendo sido por ela indicado, no ano de 2017, ao Prêmio Nobel de Literatura.

Em homenagem aos poetas e à poesia, destaco aqui três poetas acadêmicos: Afonso Cláudio (1859-1934), Miguel Marvillá (1959-2009) e Sérgio Blank (1964-2020). Um dos patronos, Afonso Cláudio (Cadeira número 1), nascido em Mangaraí, Santa Leopoldina-ES, falecido no Rio de Janeiro-RJ, foi juriconsultor, professor de Direito, historiador e conferencista, presidiu o Tribunal de Justiça do ES e foi o primeiro presidente republicano do ES e membro fundador da AEL. Publicou dezenas de livros nas áreas de Antropologia, Sociologia, Direito, História, Folclore, e organizou também *Trovas e cantares capixabas* (1923).

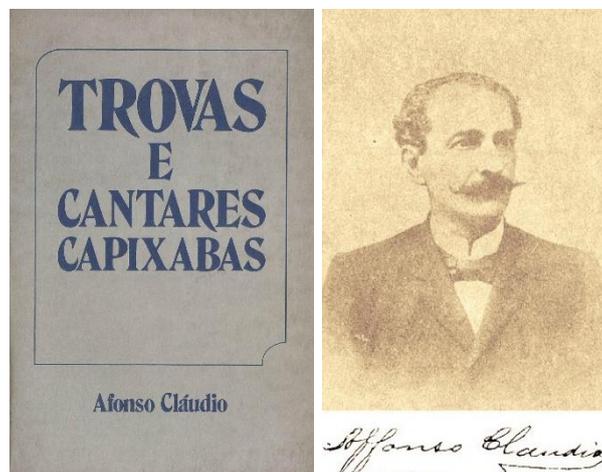
O COLÓQUIO DAS ÁGUAS (O RIO E O MAL)

Afonso Cláudio de Freitas Rosa

I
 Da penedia a prumo, desprende-se a torrente
 De néveas águas, frígidas, cortantes,
 Que rolando nas arestas penetrantes
 Dos seixos, modelam em terra o leito da corrente.
 E daí a sangrar por solidões distantes,
 Vem a úmida caudal lutando, frente a frente
 Com as silvas agrestes e os robledos gigantes
 Que o turbilhão solapa em cólera fremente.
 Depois, esses despojos lança ao mar,
 Pondo remate aos transe do lidar
 Incessante e contínuo da matéria;
 E qual se em meio amigo penetrara,
 O vassalo ao castelão assim notara
 O contraste da grandeza à vil miséria.

II

— Quão venturoso és tu, ó velho sonhador!
Que nas areias límpidas, silentes,
Os flancos moves e aos largos continentes
Pródigo distribuis a quentura e o frescor!
— Engano teu, vilão! Em toda a parte a dor —
Diz o mar — transborda como tu em túrgidas enchentes;
Se o visco da lesma conspurca e tisma a flor,
Que outra sorte reservas ao resto dos viventes?
Por sobre o dorso meu repontam as quilhas;
Em revoadas se abatem sobre as ilhas
Aves que sulcam do espaço as amplidões.
E enquanto sobre mim deriva a vasa impura
Das cidades, os crustáceos revolvem a lama escura,
Que a terra expele em ígneas convulsões!
(CLÁUDIO, 2009)



Capa de *Trovas e cantares capixabas* e retrato de Afonso Cláudio.

Falemos do acadêmico que, além de poeta, era contista e editor, Miguel Arcanjo Marvilla de Oliveira, nasceu em Marataízes, ES, em 29 de setembro de 1959 e faleceu em Vitória, em 2009. Mudou-se com os pais para Vitória em 1964. Poeta, concluiu em 1996 a graduação em Letras - Inglês na Ufes e cursou o mestrado em História na mesma universidade. Publicou os seguintes livros de poemas: *Dédalo* (1996), *Sonetos da despaixão* (1996), *Tanto amar* (1991), *Lição de labirinto* (1989), *Exercício do corpo* (1980), *A fuga e o vento* (1979), *De amor à política*, com Oscar Gama Filho (1978). Escreveu vários livros de contos e ensaios e participou de várias coletâneas.

DÉDALO: ASA OU SOL

Quando busco o mais leve movimento na sombra,
um adorno que seja para os meus dias
cortado em fatias
pegajosas de limites e bile;
quando os silêncios de onde nunca estive
(ou estive e não me lembro)
e o sangue de quem amei
(ou jamais amei e não me lembro)
me dizem o verbo morrer
e o lamento, então, das mulheres –
finalmente sossegadas
em seus homens cotidianos –
arranca lascas
da estrutura que me protege e embala;

quando tudo reclama sentido
(um bater de desejos,
uma palavra esquecida com displicência
sobre a pia do banheiro
ou entre os bibelôs de cristal e ônix),
desvendo em meio à neblina um pormenor,
abro claros no turvo e caudaloso esquecimento
que vigora no âmbito de mim.

Este instante é aqui.

Então, não mais que depressa, colho um vínculo
qualquer com a névoa ao meu redor e fico ilhado
no ar, olhando meus sapatos pendurados
- eu dentro ainda – na margem do abismo.

Assim estou, em um onde que não sei,
atado, em frágil teia,
ao voo sobre o canyon,
uma parte em mim querendo a asa
e outra buscando o sol.

A qual dos meus destinos dou ouvidos?
A qual dou por vencido?
A qual me rendo?
Livrar-me de um quem sou, por um momento,
pode apagar o risco
da vingança de mim contra si mesmo.

Mas, no enfim, tudo me leva ao precipício
(MARVILLA, 1996, p. 31)

Esse poema dá título a um dos livros de Miguel, reeditado no ano de 2001 pela editora criada por ele: Flor&Cultura Editores. Dédalo, um mito grego, era um brilhante arquiteto e artesão que construiu, a pedido do Rei Minos, um labirinto,

o “Labirinto de Creta”, para prender o monstro Minotauro (cabeça de touro num corpo humano com rabo), que ameaçava a cidade. Dédalo também construiu asas para si e para o filho Ícaro fugirem do Labirinto de Creta. A orientação do pai era que voassem baixinho, rente ao mar, mas Ícaro se lançou às alturas, perto do sol. Esse arroubou provocou o derretimento das asas de cera e Ícaro despencou do seu voo.

Interessante observar que o poeta, que era também editor, colocou na sequência desse poema, “Dédalo”, na página 33, o poema intitulado “Ícaro: a queda de mim”. Ao leitor interessado em conhecer melhor a obra do acadêmico indico uma brilhante leitura feita pela professora Joana D’arc Batista Herkernhoff, “Comentário crítico à obra de Miguel Marvilla” (2005-), publicada no site *Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo*. A professora, que também é poeta, em vez de uma leitura cronológica, preferiu usar um roteiro temático para analisar a obra de Miguel Marvilla, na seguinte ordem: “Da política”, “De humor”, “De leituras”, “De imagens”, “De prosa”, “De amor”. A professora Joana realizou uma leitura sensível e arguta, penetrando a alma do texto, e nos traz de lá a beleza, a variedade temática, a profundidade reflexiva, o trabalho com a palavra, a poesia, enfim, da obra de Miguel.

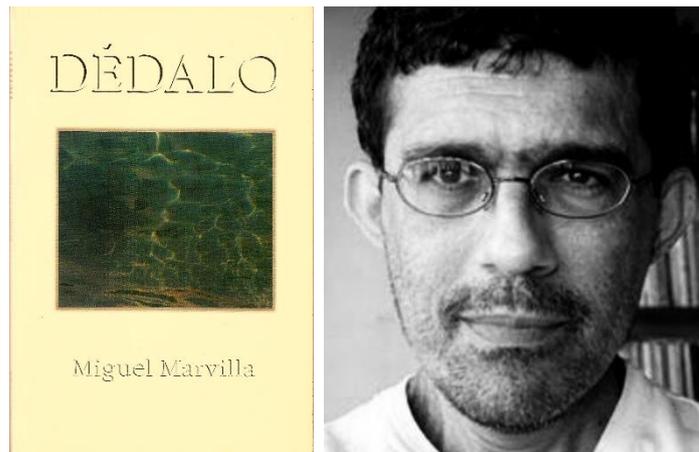
O poeta morreu muito jovem, aos 50 anos, cheio de projetos como editor e como escritor. Sua morte foi repentina. Miguel deixou esposa e três filhos. Na ocasião, a jornalista Daniella Zanotti publicou uma matéria na *Gazeta online* com o título “Literatura de luto: morre o poeta Miguel Marvilla” (2009). A matéria traz uma pequena biografia e bibliografia do autor e alguns depoimentos de amigos: “Eu o vi dois dias antes de ser internado e ele estava bem. Isso pegou a todos de surpresa, porque ele estava em plena atividade, produzindo e editando quatro livros, inclusive um de sua autoria”, diz Ítalo Campos, que conta que o amigo era uma pessoa muito bem-humorada e que tinha gosto pela vida: “Ele era muito brincalhão e sempre teve muito capricho e cuidado com os livros, um tratamento muito além do valor comercial”, destaca. Entre outros depoimentos a jornalista

publica o de Francisco Aurelio Ribeiro, professor de Literatura e presidente da Academia Espírito-Santense de Letras na altura:

Miguel se revelou um grande poeta e escritor desde cedo. Ele fez parte de uma geração, dos anos 80, que revolucionou o dizer poético e a literatura no Espírito Santo. Tudo o que foi feito por Miguel foi marcado pela qualidade, e ele também estava realizando um excelente trabalho atualmente como editor. Com certeza foi uma perda muito grande.

Há ainda o depoimento do romancista Reinaldo Santos Neves:

Miguel foi um dos melhores poetas que surgiram no Espírito Santo, e eu diria que um dos melhores do Brasil. Ele tinha quase que um dom natural para trabalhar com poemas, não só no tratamento das imagens como também das formas. No papel de editor, ele se tornou uma opção para dezenas de autores capixabas, já que possuía um talento gráfico elaborado e caprichado.



Capa do livro de poemas *Dédalo* e retrato de Miguel Marvilla (Foto sem crédito).

Minha fantasia juvenil era de que instituições como o Partido Comunista e as Academias de Letras garantiriam vidas longas aos seus membros. Em uma entrei bem jovem, em Goiás; na outra, bem mais velho, aqui no Espírito Santo. Mas vem a realidade e destrói a fantasia: a Academia Espírito-Santense de Letras perdeu um outro Acadêmico ainda bem jovem, e que tinha adentrado havia apenas um ano ao sodalício da AEL. Sérgio Luiz Blank, outro poeta, foi-se muito cedo, aos 56 anos. Sérgio nasceu em 7 de abril de 1964, portanto, uma semana depois do golpe militar que deu origem a uma longa ditadura no Brasil, vindo à luz no município de Cariacica, na Grande Vitória. Ali cresceu e estudou o primeiro

e o segundo grau e iniciou-se no mercado de trabalho na livraria Mandala, em Vitória. Muitos anos depois nos conhecemos.

Tínhamos uma amizade pessoal desde quando ingressou nos quadros do Centro de Prevenção e Tratamento de Toxicômanos (CPTT), um serviço especializado no tratamento de toxicômanos e alcoolistas que eu havia idealizado, acompanhado a construção e dirigido. No CPTT, hoje Centro de Atenção Psicossocial (CAPS-AD), Sérgio Blank conduziu por longo tempo a Oficina de Literatura, espaço previsto no projeto inicial da instituição como uma estratégia auxiliar à condução do tratamento, junto com a equipe interdisciplinar. Foi um trabalho muito elogiado pelas pessoas que por ali passaram, seja como pacientes ou como técnicos.

Francisco Aurelio Ribeiro, no seu livro *Estudos críticos de literatura capixaba* (1990), abre um capítulo com o título "A poesia *dark* de Sérgio Blank". Assim escreve o professor:

Sérgio Luiz Blank, jovem autor de vinte e quatro anos, edita seu terceiro livro de poemas: *Um*, após o promissor livro *Estilo de ser assim, tampouco*, 1986, e o contundente *Pus, de* 1987. Penso que ele seja, ao lado de Valdo Motta (cuja hibernação burocrática no DEC impediu-lhe a criação), os melhores nomes da jovem poesia capixaba. Por quê? Talvez porque retratem com precisão o clima 'dark' estilizado e nihilista do fim deste século, mais próximo de um pesadelo orwelliano que de um sonho de poeta pescador (RIBEIRO, 1990, p. 89).

Mais adiante continua o professor Francisco Aurelio:

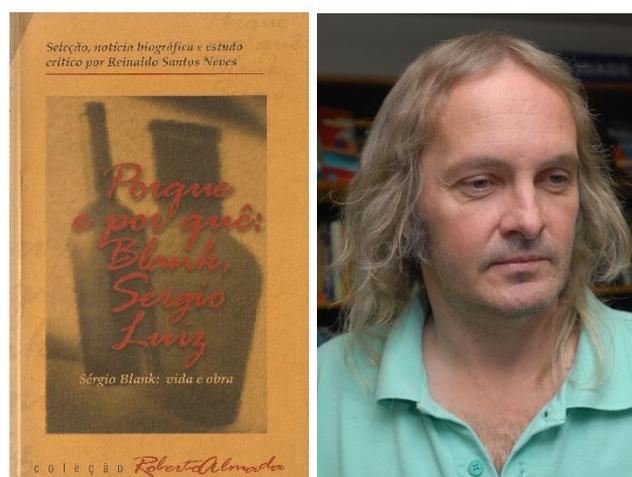
Mas quais as marcas que constituem a lírica moderna de Sérgio Blank? Se seus poemas falam dos chaplineanos tempos modernos, como o fazem? Que relação apresentam com a lírica tradicional? Em primeiro lugar, o subjetivismo sentimental e a musicalidade dos versos, características da arte lírica tradicional, são retomados numa postura pós-moderna. Os poemas de Sérgio refletem o homem atual: esquizoide, permeável a tudo, demasiadamente próximo da destruição, promíscuo a todas experiências, transformando-se numa máquina desejanter, num revolucionário esquizofrênico (RIBEIRO, 1990, p. 89).

A obra de Sérgio mereceu também uma leitura aprofundada do jornalista Sinval Soares Paulino, transformada em uma dissertação de mestrado defendida na

Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em 2004, e publicado um livro com o título: *Sol, solidão: análise da obra de Sérgio Blank* (2007). O jornal *A Gazeta*, em setembro de 1997, na sua coluna "O que você está lendo?", registra a resposta da professora de literatura Rita de Cássia Maia, que relia o livro *Vírgula*. Ela se expressa assim:

Por entre rimas, aliteraões e assonâncias, o leitor se rende à profusão e ao inusitado das imagens que, plenas de cor e movimento, metaforizam quão fugaz é a felicidade. O leitor se descobre cúmplice na paixão pela palavra. A pesquisa em dicionário, pretexto para a criação, mostra um poeta-arqueólogo da linguagem. E nessa arqueologia, marcada por fina ironia, o poeta sublinha a dor para expurgá-la, como nos versos em que, aproximando o humano do divino, transcende a dor ao identificar-nos "com o sagrado-coração-de-jesus sangrando flechado escarlate". O resultado, então, é um estado de poesia... (MAIA, 1997a, parte 1, p. 4).

O escritor capixaba Reinaldo Santos Neves faz uma seleção, notícia biográfica e estudo crítico da vida e obra de Sérgio no livro *Porque e por quê, Sergio Luiz Blank: vida e obra* (2002). Reinaldo faz a seguinte epígrafe abrindo o seu comentário no livro citado: "Sérgio Blank é autor de sombrias canções, escritas em idioma de algaravia, que versam sobre um tal de *homo sapiens* perdido e confuso num mundo em adiantado estado de decomposição" (NEVES, 2002, p. 39).



Capa de *Porque e por quê: Blank, Sergio Luiz*, de Reinaldo Santos Neves, e retrato de Sérgio Blank (Foto de Nestor Müller).

Depois de falar de poetas e poesias devemos lembrar do nosso conterrâneo Rubem Braga, capixaba que elevou a crônica à dignidade da literatura, em um texto típico, carregado de sutileza, leveza e humor, responde a uma carta de uma amiga que lhe disse ter conhecido um grande poeta que é seu amigo; e ter sofrido uma decepção:

Querida –

Não achou você poético o poeta; e até se queixa de que, no tempo em que estive em sua mesa, não lhe ouviu uma palavra sobre poesia, mas, unicamente, ao sabor da conversa, comentários sobre sapatos de homem e desastres de automóvel, quando você gostaria de conversar sobre William Shakespeare.

É, na verdade, um pouco mortificante. Nunca falam os poetas de poesia? pergunta-me você. Bem, eles falam. Cada homem tem costume de falar de seu ofício, e o poeta é um homem como os outros [...] Quando um homem fala de sapatos, de trânsito ou de futebol, não está disfarçando: o último jogo do Flamengo, a corrida dos ônibus depois do túnel e a cor de sapatos, tudo se infiltra na alma do poeta. Tudo; e com certeza também você, que ele pode ter incorporado silenciosamente no seu mundo. E quando amanhã escrever 'uma tarde castanha', se lembrará de seus cabelos e de sua voz serena.

Não o desame, pois, por não ser poético; isso não é seu ofício: ele é poeta. Adeus
(BRAGA, 1951)

Sábio nosso conterrâneo. O poeta pode ter os mais variados ofícios, como verificamos na nossa Academia: médicos, funcionários públicos em área administrativa, professores, juristas, todos poderão estar submersos em um poema, pois o poeta absorve todas experiências do existir. "Tudo se infiltra no poeta", disse Rubem, e, trabalhando a palavra, constrói um novo mundo, como dissemos no início deste texto.

A Academia de Letras, com sua função primordial de cultivar a palavra e a escrita, e de preservar a língua, fazendo-a sempre viva, é o lugar primeiro do poeta. Ali, onde ele deverá estar imerso na linguagem e na língua, acossado pelo compromisso ético, um-a-um, de revigorar a palavra e o espaço institucional, dignificando-os com constante produção e criação poética, animando-os interna e externamente para o exercício constante e o elogio da vida. Poesia é erótico.

Referências:

AZEVEDO, Thelma Maria. *Poetas capixabas*. Disponível em: <<http://www.poetas.capixabas.nom.br/>>. Vitória. 2011. Acesso em: 3 abr. 2011.

BRAGA, Rubem. Carta. O Poeta. *Correio do Amanhã*, Rio de Janeiro, 1951. Disponível em: <<https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/9937/o-poeta>>. Acesso em: 3 abr. 2021.

CLÁUDIO [de Freitas Rosa], Afonso. *Trovas e cantares capixabas*. 3. ed. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2009.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. IX v.

HERKERNHOFF, Joana D'arc Batista. Comentário crítico à obra de Miguel Marvillá. In: NUNES, Pedro J. (Org.). *Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo*. Vitória, 2005-. Disponível em: <http://www.tertuliacapixaba.com.br/paraler/comentario_critico_a_obra_de_miguel_marvillá.html>. Acesso em: 1º maio 2021.

LEMINSKI, Paulo. Depoimento. In: ERVILHA da fantasia. Direção: Werner Schumann. Produção: Altenir Silva, Willy Schumann e Werner Schumann. Edição: Eduardo Pioli Alberti. [Curitiba]: [s. n.], 1985. 8:40-9:30. 28'. Disponível em: <<https://www.dailymotion.com/video/x24beb4>>. Acesso em: 1º maio 2021.

MAIA, Rita de Cassia. "Vírgula", de Sérgio Blank (1ª parte). *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, p. 4, 21 set. 1997.

MAIA, Rita de Cássia. "Vírgula", de Sérgio Blank (2ª parte). *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, p. 4, 28 dez. 1997.

MARVILLA, Miguel. *Dédalo*. Vitória: Flor&Cultura, 1996.

NAZAR, Maria Teresa Cristina P. *Psicanálise e Arte*. Vitória: Causa, 2020.

NEVES, Reinaldo Santos (Org.). *Porque e por quê: Blank, Sérgio Luiz. Sérgio Blank: vida e obra*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2002. (Coleção Roberto Almada, v. 10).

PAULINO, Sinval. *Sol, solidão: análise da obra de Sérgio Blank*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2007.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Estudos críticos de literatura capixaba*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1990.

ZANOTTI, Daniella. Literatura de luto: morre o poeta Miguel Marvillá. *Gazeta online*, Vitória, 11 out. 2009. Disponível em: <<http://gazetaonline.globo.com/>>

conteudo/2009/10/546923-literatura+de+luto+morre+o+poeta+miguel+
marvilla.html>. Acesso em: 1º maio 2021.